

a voz de timor

DIRECTOR: FRANCISCO LOPES DA CRUZ



A « VOZ DE TIMOR »

deseja aos seus
leitores uma
Páscoa Feliz

ÓRGÃO GOVERNAMENTAL DE TIMOR • DOMINGO, 30 DE MARÇO DE 1975 • ANO XVI — N.º 776 PREÇO 2550

EDITORIAL

Perfil de uma situação

Como resultado das ideologias contemporâneas que o 25 de Abril criou, num surto mais ou menos progressivo, preconceitos e convencionalismos, anteriormente sorvidos com uma religiosidade que era negação ao espírito, já por si, votado a vãos clandestinos de revolta, estão a ser explorados ou por seqüência lógica do programa ambiental ou ainda com aquela reserva que identifica a idoneidade dos usuários.

De certa forma, na tentativa de não deixar fugir o presente para um passado de belas recordações de «doçevitas», homenagens ridículas vazando teorias de esperanças desarticuladas foram uma clama ilusória traçando círculos inconscientes e mortícios no obscurantismo (que se esbate, dia a dia, numa tomada de consciência pela difusão cada vez maior nas camadas rurais, de informações elementares).

E nasce, como fulcro de uma enfermidade atávica, o imperativo febril de salvar o nível de vida, a estabilidade de cidadão considerado, mas o mecanismo engendrado revela ausência de energia, de propulsão e obriga a estratégias como único refúgio da dignidade.

Um conservadorismo moldado em máscaras infelizes proporcionou uma paragem de tempo a muitos que aguardavam um bom desenlace, em perspectivas mais e sempre risonhas, numa simulação de gestos altamente caritativos e que só causou estranheza pela sua profusão.

Como resultado negativo, elementos que se temiam na vida de todos os dias seguem a linha do êxodo numa imolação involuntária.

Outros há de enformada sensibilidade ou dentro do conceito de subserviência ainda notória em alguns círculos, arreganham os dentes, convencem e reagem num processo rotineiro em que a sua inutilidade parece justificar qualquer solução arbitrária.

Porém, Honra seja feita e a Gratidão é pequena para aqueles poucos que lutaram, humildemente, sem alardes, contra a corrupção, num esforço que poucos conhecerão mas que muitos homens de boa vontade o sentirão e sentirão como um 2.º promo-de-ado — marca indelével de uma luta inglória contra a hipocrisia, o servilismo, a ambição.

A estes que, de um ou de outro modo, patentearam o seu apego, o seu zelo nas suas funções específicas e que problemas de outra ordem os inibem de participar das realidades de Timor, a eles, deveremos dar a mão numa irmandade e compreensão que deverá ser o apadrinhamento da tão apregoada comunidade Lusitana.

Timor precisa, sim, de valores idóneas, de acção para um avanço metódico e produtivo com vista à sua revitalização total mas tudo o mais efêmero e inútil a constituir a seta da longa espera do fim-do-mês, num adormecimento revoltante de não cooperação-produção e incapacidade deve ser sujeito a vitória pois só provocam desgaste no mecanismo sócio-económico já tão débil da colónia.

O tempo foge inexorável e irreparável!

Devemos partilhar da necessidade premente de apoiar todos os esforços para fortalecer a nossa democracia, a democracia do povo, do povo de Timor!

J. A. G.

“ Os Países pobres continuarão pobres enquanto continuarem as tremendas injustiças no Comércio Internacional ”

— Declarou D. HÉLDER CÂMARA

D. Hélder Câmara, o cardeal arcebispo de Olinda e Recife, passou pelo aeroporto de Lisboa, a caminho de Paris, onde, no dia 7 recebeu o grau de doutor «honoris causa» em direito pelo Sorbonne, em virtude da coragem com que sempre se bateu pela defesa pacífica dos direitos humanos. Nessa cerimónia receberam também o doutoramento e igualmente foram homenageados com um jantar oferecido pela Faculdade de Direito daquela Universidade, dois americanos, sendo um deles professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e outro do Instituto Oriental da Universidade de Chicago e ainda um membro da Academia de Ciências da União Soviética e o filósofo Ernest Bloch.

Porque seguimos desde Recife D. Hélder Câmara e ao embarcar no avião ouvimos uma senhora pedir ao Cardeal Brasileiro, de raízes lusas, como gosta de dizer, que, ao pisar solo português, não se esquecesse de rezar uma oração pelo bem-estar de Portugal «a atravessar um período conturbado», impressão aliás que deixa no leitor a imprensa de Vera-Cruz com o furor de Carlos Lacerda à cabeça, perguntámos a D. Hélder se também o preocupava a situação portuguesa.

«Claro que acompanho com interesse tudo o que se passa em Portugal e muito scôri, por exemplo, com a sua posição colonialista, eufemisticamente encoberta com a designação de províncias ultramarinas. Todos os brasileiros, pelo menos aqueles que são fiéis ao espírito de verdadeira brasilidade, podiam compreender essa posição. Quando veio o Movimento, eu vibrei de alegria, por ver chegada a libertação nesse e noutros campos. Agora que Portugal ainda esteja atravessando dias difíceis, dias de transição, é evidente. O que eu peço a Deus é que forças que muitas vezes sabem dividir, que são mestras em intrigar procurando dividir as forças que fazem

a experiência da libertação em Portugal, não consigam levar a cabo os seus intentos. São forças que procuram transformar em caos a vitória de ontem, procurando dar aparências de razão a uma reacção que tudo quer fazer voltar atrás. Mas eu creio na inteligência de Portugal e na sinceridade de todos aqueles que partiram para aquilo que foi realmente a libertação de Portugal. Mas alerta, irmãos queridos, porque nós vimos, como por exemplo, no Chile de Allende houve quem, com habilidade imensa, dividisse as esquerdas de tal modo que depois as multinacionais, aliadas aos privilegiados locais, acabaram pondo fim a uma experiência que era da

mais alta significação para a América Latina».

O divórcio

Um outro problema que vem agitando a opinião pública brasileira, é o caso do divórcio. O próprio Cardeal do Rio de Janeiro se encontrou, logo a seguir à abertura do Congresso, com Geisel e com um grupo de Senadores para lhes fazer saber a opinião da Igreja no Brasil. Para D. Helder não se deve sobrevalorizar a questão do divórcio: «Claro que, como cristão, eu creio no matrimónio indissolúvel. No entanto, não me chego de tal maneira a preocupar com o problema do divórcio, porque acho que o grande tra-

balho dos pastores é um trabalho de formação da consciência dos cristãos, de tal maneira que, com lei ou sem lei do divórcio, os cristãos bem formados saibam salvar o seu lar. Porque em rigor, esse problema do divórcio é muito mais um problema burguês. Para um pequeno número de famílias, muitas vezes a grande massa nem sequer pode chegar ao laço jurídico. Quando muito chega ao laço religioso e, às vezes, nem isso. É claro que também não me agrada muito ver uma Igreja que chegasse a pretender exercer pressão sobre aqueles que talvez nem sejam religiosos. Prefiro, mil vezes, o trabalho positivo pastoral, de preparação para o

matrimónio, de tal maneira que, salvaguardado a indissolubilidade do matrimónio.

Marxismo e cristianismo

Sobre as relações entre o cristianismo e o marxismo e sobre a propensão que existe, em certos meios, de apelar de comunista todo aquele que se bate pelas classes mais desfavorecidas, disse-nos D. Helder:

«A pergunta é complexa e exige resposta com nuances. De início, é verdade que é um absurdo querer colar a

(Continua na pág. 2)

A ESCOLA É UMA VERDADEIRA OFICINA ONDE SE FORJAM AS ESPERANÇAS DA PÁTRIA

— disse o Dr. Leão da Costa

Na seqüência de sondagem à opinião de elementos mais directamente responsáveis pelo ensino em Timor, nesta hora de grande responsabilidade por que passamos, em que se está a processar a reformulação do ensino neste território, entramos em contacto com o Rev. Dr. Leão da Costa, Director do Externato «Bispo Medeiros», que amavelmente nos forneceu o seguinte depoimento:

P.1 — Como caracteriza o ensino actual em Timor?

R.1 — Na actual aventura histórica do Timor-Leste em que ele deseja aparecer ao mundo também como povo livre, vitalmente empenha-

do em descobrir a sua própria fisionomia, a situação do ensino inexoravelmente há-de acusar um desequilí-

A situação do ensino inexoravelmente há-de acusar um desequilíbrio que poderá repercutir-se inexoravelmente nas futuras gerações

rio, uma quebra de ritmo e regime com subsequente interrupção da continuidade indispensável, em vários graus do ensino, para garantia do futuro do Timor-Leste como Povo. Este desequilíbrio, em minha modesta opinião, repercutir-se-á inexoravelmente nas futu-

ras gerações.

P. 2 — Como entende a timorização do ensino?

R. 2 — O termo, como eu entendo, exprime maravilhosamente o processo mais eficaz e quiçá mais acertado para assegurar a reforma autêntica do ensino em e para Timor.

Timorização então há-de significar a restauração da cultura mutilada e abandonada do povo de Timor.

É sumamente complexo o assunto para ser resumido em poucas linhas. Trata-se efectivamente do espírito da procura e do emprego de

(Continua na pág. 3)

D. HÉLDER CÂMARA

Nos países pobres também há outro escândalo que é o do colonialismo interno. São minorias privilegiadas do país que mantêm a própria riqueza à custa da miséria dos seus concidadãos.

(Continuação da pág. 1)

etiqueta de comunismo em todos aqueles que denunciavam injustiças e que clamam um mundo mais justo e mais humano. Isto, a meu ver, é até fazer propaganda do comunismo. Mas, de um lado e de outro, as potências capitalistas e comunistas são mestras em explorar as suas mútuas divergências. Também os comunistas, quando querem esmagar os eus satélites, dizem facilmente que se trata de um «complot» capitalista. De forma que eles sabem, de lado a lado, explorar suas divergências e, quando lhes convém, sabem caminhar juntos de maneira admirável. É só abrir os olhos e contemplar a realidade. É de todos os dias.

Agora quanto a Marx e marxismo há muito tempo que os que se dedicam a estudos de filosofia, a estudos da realidade do mundo, vêm acompanhado com interesse o pensamento de Marx. Só os primários é que ficam tremendo como se Marx fosse o erro total, o erro dos erros. O ano passado tive oportunidade de na Universidade de Chicago, numa comemoração em honra de S. Tomás de Aquino lembrar o que são Tomás de Aquino fez com Aristóteles. Aristó-

teles quando Tomás de Aquino chegou à Sorborne, primeiro como aluno e depois como mestre, era tido não só como um pagão, mas como um materialista. Havia inclusive condenações para quem estudasse e sobretudo apresentasse em público o seu pensamento filosófico. Tomás de Aquino teve o bom senso de enfrentar todas estas ameaças e foi graças a esta coragem em aprofundar o pensamento de Aristóteles, de ir de certo modo mais dentro do que o próprio Aristóteles que descobriu todas as almas de verdade que havia no sistema aristotélico. Hoje já se têm repetido encontros entre cristãos e marxistas e eu acredito que, em breve, Universidades se deem ao cuidado de um aprofundamento definido do pensamento de Marx.

Não adianta dizer que não se pode comparar de um ponto de vista filosófico Aristóteles e Marx. Quando um homem exerce uma influência sobre milhões de criaturas, quando um homem desperta amor por um lado, ódio tremendo por outro, entusiasmo de um lado, pavor do outro, esse homem merece estudo.

Eu não me sinto um mar-

xista. Eu não preciso da doutrina marxista para ter uma posição de lutador pacífico, mas aberto e corajoso pela justiça. Basta-me o evangelho. Agora, claro, que não desconheço tudo o que de positivo e de definitivo há no pensamento marxista.

Na prática, há algumas dificuldades concretas no relacionamento entre cristãos e marxistas, na medida em que a filiação em partidos comunistas importa algumas vezes a aceitação da obediência cega ao partido. Eu, por exemplo, não me sinto muito à vontade para colaborar com ninguém que tenha obediência cega a quem quer que seja. Porque eu não gosto de ser manipulado pela direita, mas também não tenho nenhum prazer em ser manipulado pela esquerda.»

Minoria cristã opressora

A terminar perguntámos a D. Helder qual o maior problema que enfrenta hoje a Igreja no Brasil?

«A Igreja no Brasil, respondeu, não é diferente da Igreja no resto do Mundo. A

Igreja está ao serviço da humanidade. Devemos ser a continuação da presença de Cristo. Entre os problemas, sem dúvida nenhuma que o considero que o grande escândalo é justamente essa injustiça de uma minoria da humanidade deter de maneira injusta a quase totalidade dos recursos da terra. O que é grave é que, ao menos de nome e de origem, essa minoria que de maneira injusta detem a quase totalidade dos recursos da terra, é cristã. Isto é um desafio tanto para a Igreja cristã nos países pobres como — nos países ricos.

No países pobres também há outro escândalo que é o do colonialismo interno. São minorias privilegiadas do país que mantêm a própria riqueza à custa da miséria dos seus concidadãos.

Aí está um desafio grande: que é o da Igreja fazer com que os cristãos não o sejam apenas de nome, mas cristãos de facto e de verdade. Como os cristãos da rem exemplo à humanidade de viverem como autênticos irmãos, filhos do mesmo Pai, irmãs nos sangue que por todos derramou Cristo.»

Explosão demográfica

Esteve reunida, recentemente, no México, a Segunda Conferência regional sobre população, procurando soluções para a América Latina. Não quisemos deixar de perguntar a D. Helder o que pensa da política relativa à explosão demográfica. «Fala-se muito, disse D. Helder, na explosão demográfica e já tem sido denunciada por muitas formas. Trata-se, muitas vezes, de alarmismo demográfico. Há países ricos que, para explicar este escândalo da distância cada vez maior entre países ricos e países pobres, têm que inventar pretextos, têm que acalmar a própria consciência. Muitos não têm coragem de chegar até a um problema racista, mas não falta quem pense que os países ricos, por coincidência, estão nas mãos dos brancos e que há a África Negra e a Ásia Amarela e a América Latina Morena ou Mulata... O racismo já está desmoralizado, mais do que desmoralizado. Sobretudo depois de Hitler. Mas, ao longo dos tempos, tem havido tentativas de explicar esta vergonha de o homem que às portas do século XXI mantém na miséria dois terços da Humanidade. Então eles procuram explicar que se trata de conseguir que os países pobres usem a cabeça, trabalho e coragem e sejam honestos. Como se a explicação verdadeira dos países pobres serem cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos, fosse que da parte dos países ricos, a inteligência fosse usada, o trabalho fosse firme e forte, e a honestidade fosse a regra. E nos países pobres

fosse o contrário. E então surge como uma grande alibi a explosão demográfica. Que se não houver um «controle» maciço da natalidade os países pobres jamais deixarão de ser pobres. Temos de dizer um basta a esta exploração. Os países pobres continuarão pobres enquanto continuarem as tremendas injustiças no comércio internacional. Porque os preços das matérias-primas e até dos produtos industrializados tem de ser fixados invariavelmente e de maneira unilateral pelos grandes centros de decisão do Mundo? Porque as nossas matérias-primas não de ficar eternamente à mercê do capricho dos senhores do Mundo, ou das superpotências ou agora das multinacionais? Na hora em que os países pobres, que eram obrigados a ver o preço de suas matérias-primas fixadas pelos ricos, se unem numa primeira experiência para serem eles a fixarem os preços dos seus produtos, assiste-se ao ridículo de superpotências ameaçarem com a guerra os países que têm a audácia que tiveram os do petróleo.

Em resumo: existe um problema demográfico, mas existe sobretudo um alarmismo demográfico, que os países pobres não estão resolvidos a deixar que se alastre. Basta de exploração.

Violência n.º 1

Violência n.º 2

Porque há oito dias havia passado pelo Chile onde me demorei a estudar o panorama sócio-político e porque me pude aperceber de uma repressão feroz desencadeada pela Junta a que preside o General Augusto Pinochet, que para mais se diz de inspiração cristã católica lembrei-me, ainda, de fazer a D. Helder a seguinte pergunta sem contudo lhe falar no Chile:

Há governos que se dizem de inspiração cristã e que perseguem intransigentemente os seus concidadãos por motivos ideológicos,

em especial por seguirem a ideologia marxista. Parece-lhe, do ponto de vista cristão, que este tipo de perseguição que leva às cadeias, inflige torturas físicas e psicológicas dos mais diversos teores se pode legitimar?

«Hoje em dia, respondeu D. Helder, o Mundo está muito sob o signo da violência. A meu ver, a violência número um que é a raiz de todas as outras, são as injustiças, injustiças que existem nos países ricos. Não há nenhum país rico onde não haja áreas de pobreza. E injustiças entre países pobres e países ricos.

Eu chamo essas injustiças de violência, porque elas chegam a causar ou a criar uma situação sub-humana para mais de dois terços da humanidade. Chegam a criar miséria e fome, miséria e fome que matam mais que as mais sangrentas guerras.

Acontece muitas vezes que surgem violências como reacção contra estas injustiças e há rebeliões. Mas estas violências e rebeliões contra as injustiças já são a violência número dois. Então os governos se sentem no direito e na obrigação de reagir. E quando há prisões políticas, muito facilmente, governos de direita ou de esquerda, acabam chegando à tortura. Porque é uma tentação: uma vez que há prisioneiro político e que o governo diz, sente e proclama, que provavelmente terá informações de alta importância para a segurança nacional, em nome desta segurança nacional facilmente governos de direita ou de esquerda chegam à tortura para arrancar confissões. O que é preciso é que, de uma vez por todas, se desmoralize qualquer afirmação, qualquer confissão arrancada debaixo de tortura. Que crédito pode merecer uma confissão arrancada debaixo da tortura física ou moral?»

(Extractos de uma entrevista ao «Expresso» de 15 de Março de 1975)

POLÍTICA EDUCACIONAL

(Continuação da pág. 3)

os seus filhos o desejam, progressivo, justo, pacífico e cristão.

Queremos na actual conjuntura política continuar a ajudar o povo de Timor (...) Façam os homens o que quiserem: sem Deus não há paz, nem pão, nem progresso, nem respeito pela dignidade e liberdade humanas». E a terminar a Carta Pastoral diz com sobejá parcimónia a respeito do ensino: «No sector educacional, a Igreja em Timor tem a consciência de que não fez tudo, mas de que deu ao en-

ver que lhe é próprio».

Todo o ensino visa a formação integral do homem. Esta formação integral compreende a formação física, intelectual, moral e religiosa. E sendo a educação «um processo integral de desenvolvimento orientado por valores e destinado ao seu reconhecimento e produção» — definição baseada nos princípios filosóficos da vida integral segundo S. Tomás — segue-se que um tal processo deve orientar-se por princípios ou valores ideológicos e deve ter presente a concretização desses mesmos princípios, sendo o educador um valor modelo.

lico em Timor apresenta uma emaranhada complexidade de ideais educativos tantos quantos as ideologias dispares que disputam o ensino em Timor

Para falar sobre a importância do ensino católico em Timor e da contribuição da Igreja concretamente enraizada em Timor seria mister antepor uma preleção sobre a filosofia católica. Resumindo direi que uma recta concepção do homem conduz logicamente a uma recta educação do mesmo homem. Não sendo o homem apenas um animal mais «aperfeiçoado», nem sendo uma mera «máquina» da sociedade, do estado da humanidade ou um «produto» da natureza, mas um ser com aspirações congénitas de se transcender, compreende-se a importância e a contribuição da Igreja no sector do ensino. O ensino católico visa o homem como um animal de cultura, cuja espécie só subsiste com o desenvolvimento da sociedade e da civilização; visa o homem como um animal histórico com uma projecção transcendente. Então educar significa essencialmente formar integralmente o homem de tal maneira que deva portar-se convenientemente na sociedade presente sem esquecer a sua congénita projecção transcendente; compreende-se a importância do ensino católico para o homem de hoje e de sempre.

A importância do ensino Católico, deve ser compreendida para o homem de hoje e de sempre.

sino primário e secundário toda a colaboração que lhe foi possível, com os escasos meios económicos de que dispunha. Ninguém ignora que a grande massa escolarizada de Timor (...) passou pelas escolas das Missões Católicas (...) Querer ignorar esta acção da Igreja, ou ainda pior, interpretá-la tendenciosamente, equivale a uma deturpação da verdade e dos factos. A Igreja deseja (...) continuar a sua missão no campo da educação e cultura como um dever e um de-

Neste sentido a escola é uma verdadeira oficina onde se forjam as esperanças da Pátria. Assim, toda a formação deve culminar no conceito integral de vida. Mas pôr o problema do ideal educativo pretende-se, em última análise, determinar a finalidade da educação com base na origem e destino último do homem. Nesta busca da finalidade do ensino a filosofia serve de base de estruturação dos ideais educativos. Por conseguinte, o problema da importância e da contribuição do ensino cató-

J. ESTORNINHO

— LOSPALOS —

VENDE:

• Toros
• Tábuas
• Vigas
• Barrotes

CONTACTE:

TELEFONE — 2037

DILI

DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A COLONIZAÇÃO AO CAMINHO CORRECTO DA DESCOLONIZAÇÃO

Texto adaptado de «o exército informa» e difundido no programa do M. F. A. em Timor

Em 1415., os portugueses conquistaram Ceuta, Praça Forte do Norte de África. Era o primeiro grande passo para uma expansão marítima que viria a abrir a Portugal francas possibilidades comerciais e se inscreveria na história como um marco importante.

Um século depois, Portugal tinha feitorias e colónias por toda a costa oriental do mesmo continente, na Índia, no Brasil e em algumas ilhas do Atlântico (Norte e Sul). De pequeno país que se baseava numa economia de subsistência, apoiada na agricultura, Portugal passava a grande potência, transformando-se Lisboa num excelente porto de comércio, ao qual afluíam mercadores de todo o mundo.

A partir do estabelecimento de postos de exploração comercial nos locais acima referidos, começou a fazer-se, nos mesmos, um povoamento sistemático, que provocou contactos mais assíduos com as populações nativas. Ligada a es-

se contacto, surgiu a missão que, no Brasil, por exemplo, foi levada a cabo por padres jesuítas.

Ao mesmo tempo que isto verificava, traficavam-se escravos. Contradições dos tempos aliás não apenas levadas a cabo por portugueses. A ganância económica levava, por vezes, a utilização da mão-de-obra barata para se tirar mais proventos com menos despesas.

Um dos aspectos positivos dos descobrimentos portugueses, foi a contribuição dos mesmos para o desenvolvimento científico e tecnológico da época.

Uma geografia nova que nasceu, novos processos de orientação, outros meios de navegação, etc. Pelo que atrás foi dito, o colonialismo português começou a verificar-se como todos os colonialismos: dois povos frente a frente; o povo técnico ou economicamente mais evoluído tenta impôr-se aos outros; conseguindo-o, começa a «colonizá-lo». O

aproveitamento da supremacia de um povo sobre o povo colonizado para fins económicos, tem como consequência uma maior submissão do povo colonizado perante os seus colonizadores.

Razões económicas, religiosas, políticas, culturais e sociais, levaram à manutenção deste estado de coisas embora, como em tudo que movimenta a história, sejam as razões económicas as que prevalecem sobre as outras, chegando, muitas vezes, a criar situações em que as outras razões deixam de existir.

Colonizar, foi até certo ponto fácil. Descolonizar não o é tanto. As FA portuguesas, a breve trecho aperceberam-se que não era comparável colaborar no ensino, nos serviços de justiça, no desenvolvimento económico etc., das populações das colónias e ao mesmo tempo, combater a vontade de emancipação das mesmas. Por isso resolveram pôr termo a este estado de coisas, ao fim de 13 anos de uma lu-

ta que deste modo, não conduziria a um fim justo e, apenas poderia contribuir para que se quedassem no poder, uns tantos que pretendiam, com a sua política de cegueira, beneficiar alguns, com prejuízo de quase todos.

Assim nasceu o chamado «Movimento de Capitães» que, ao alargar-se a outras classes das FA ganharia forças para derrubar o Governo fascista e implantar em Portugal uma situação que advoga a solução democrática como a melhor para o futuro do nosso país.

Esta atitude trouxe consequências importantes e inevitáveis, como não podia deixar de ser porque, sendo as Forças Armadas a tomar às rédeas do país e estando as mesmas, através do seu órgão revolucionário, a Comissão Coordenadora do MFA, contra uma guerra injusta, a solução, nesse campo, não podia ser senão a descolonização.

Essa descolonização teria, como tem acontecido, de ser justa, tendo em vista o momento da amizade e da cooperação entre os povos de Portugal e dos novos países. Se era obrigatória porque todos os povos tem o direito à autodeterminação e à independência, não menos obrigatória será que a mesma se faça em termos tais que os novos países de língua portuguesa se sintam, cultural e moralmente, ligados a Portugal.

Para isso a contribuição das FA em geral e do exército em particular é importante, na defesa contra quaisquer ameaças reaccionárias e na continuação de uma obra assistencial, económica e cultural que deu alguns frutos, como é reconhecido pelos próprios movimentos emancipalistas.

A descolonização é, portanto, uma responsabilidade que nos impusemos, que é dever das Forças Armadas continuar a terminar.

É este sentimento de responsabilidade e dever que

anima todos os elementos do Exército que até final de descolonização, ainda virão a demandar territórios ultramarinos em via de independência.

Porque a realidade presente é revolucionariamente nova, partem, não como opressores forçados, mas como homens conscientes e livres que vão garantir que o processo de descolonização se fará de forma justa e completa, dentro do espírito do programa do MFA.

Todos desejamos, agora, que a descolonização se continue a processar nestes moldes até ao fim.

LEIA
E
DIVULGUE
«A VOZ
DE
TIMOR»

POLÍTICA EDUCACIONAL

— entrevista com o Rev. Dr. Leão da Costa

(Continuação da pag. 1)

métodos, muito falíveis, por que humanos.

Timorização, como eu a entendo, é um real caminho, mas pode simultaneamente ser uma pedra de tropeço para os destinos justos do Timor-Leste, na medida em que postula mudança brusca e decisiva nas mentalidades formadas com categorias diferentes — porquanto o homem não muda dum dia para o outro, das suas aquisições intelectuais — e postula não só aceitação mas também encarnação de valo-

res puramente externa no sector do ensino quer no concernente ao corpo docente quer no concernente a métodos, a programas, etc. só traria efeitos contraproducentes. Por isso mudanças ou substituições de métodos, de programas e de pessoal docente sem um paralelo empenho na preparação dos responsáveis pela elaboração de novos métodos, programas e de pessoal docente eficiente — a primeira timorização deve, pois, começar pelos responsáveis da elaboração do programa da reforma do ensino

Mas uma timorização neste prisma do ensino não pode olvidar as dificuldades inerentes.

Assim, a meu ver, a timorização deve processar-se metódica e tranquilamente, sem precipitações nem atropelamentos, sem traumatização dos educandos nem criação de fanatismos e extremismos de carácter mesquinhos.

Resumindo: timorização do ensino eu a entendo como empenho no desenvolvimento tempestivo, simultâneo e metódico de todos os elementos dependentes e indispensáveis no processo de descolonização no sector do ensino. Preparar um elemento sem o desenvolvimento paralelo dos demais é retardar se não trair o conjunto ou a sociedade a construir. Timorizar o ensino não pode, além disso, entender-se como cristalização impenetrável e rática da cultura timorense, nem como «endeusamento» da cultura que postula uma atitude de respeito idólatrico; antes há-de inserir em si uma autêntica abertura face ao seu aperfeiçoamento e ao progresso. Assim timorizar o ensino supõe e exige um discernimento crítico para valorizar só e devidamente todos

os elementos intrinsecamente bons dos usos e costumes do Povo Timorense.

P. 3 — Quais os princípios problemas do ensino em Timor?

R.3 — Na presente conjuntura histórica do Timor-Leste o problema número um no sector do ensino, a meu ver, deve repor-se na procura de um caminho

R.4 — É pergunta que exige esclarecimento. A expressão «ensino católico» pode referir-se à doutrina católica ou simplesmente às escolas católicas.

Na primeira acepção um leigo esclarecido e adulto na Fé Católica daria uma resposta mais desinteressada como testemunho da sua vivência experiencial da dou-

trina católica; esta, afirmada por um profissional, pode laborar de «profissionalismo». Nesta linha de ideias remeto a pergunta para os pais católicos se sentem ou não a necessidade e a importância do ensino católico nas escolas, onde seus filhos são educados.

P. 5 — Qual a contribuição que a Igreja poderá dar no futuro ensino em Timor?

R.5 — Para começar remeto tudo para uma leitura imparcial da Carta Pastoral do Bispo da Diocese e do seu Conselho Presbiteral, de que a propósito da contribuição que a Igreja pode dar no futuro ensino de Timor, faço algumas citações: «A Igreja viveu sempre integrada na vida das comunidades cristãs, sujeita ao condicionalismo sócio-político que, naturalmente, afectou a vida do mesmo povo. E, por isso a Igreja católica em Timor esteve sempre presente e identificada com o povo timorense, partilhando com ele da mesma sorte (...) Neste momento decisivo da história de Timor, queremos afirmar que todo o pessoal missionário está voltado para o futuro, continua presente (...) no meio das suas cristandades e com os que assumem a responsabilidade de construir o Timor de amanhã, um Timor, como

(Continua na pag. 2)

Timorização é um Real Caminho mas pode simultaneamente ser uma pedra de tropeço para os destinos justos do Timor Leste

res novos. Timorização não pode ser sinónimo de snobismos estereis e imaturos, mas deve significar espírito novo debruçado vitalmente na procura duma airosa saída colectiva para a libertação do Povo timorense do seu obscurantismo a que foi vítima votada pelos condicionalismos da História. Neste sentido, uma mudan-

em e para Timor — mudar sem contar com o factor tempo, na minha modesta opinião, pode ser uma aventura que compromete seriamente o futuro de Timor. É mais que oportuno, nesta conjuntura histórica, o empenho em fazer renascer e aproveitar devidamente toda a riqueza da multi-forme cultura timorense.

A primeira timorização deve começar pelos responsáveis da elaboração do programa do ensino em e para Timor

mais fácil, mais justo, mais profíquo e mais rápido para generalizar o ensino através de estruturas de ensino obrigatório. Há que consciencializar o povo para que livremente colabore. Além disso pode apontar-se como importante a falta de uma estruturação do corpo docente e estável e eficiente, a falta de edifícios funcionais no interior da ilha, a falta de apetrechamento de material didáctico

P. 4 — Qual a importância do ensino católico em Timor?

Na segunda acepção da expressão a pergunta assume proporções inquietantes e simultaneamente deslumbrantes. Leia-se a História da humanidade com serenidade e imparcialidade e topar-se-á com uma resposta

INTERNACIONAL

ETIÓPIA

A VIA SOCIALISTA

A Etiópia parece ter definido o rumo da sua revolução. Será socialista, «inspirada pelos exemplos de Cuba, da Tanzânia e da China.» Mas será neutralista e nacionalista. O que lhe dará pontos de contacto com alguns regimes asiáticos e sul-americanos, nomeadamente o que fora chefiado pelo príncipe Sihanouk, no Camboja, antes do golpe de Estado de Lon Nol, e o vigente no Peru.

É de notar, todavia, que nada tenha sido dito sobre o exemplo albanês, que seria, aparentemente, e embora as enormes diferenças de extensão territorial, o que, pelos seus condicionais, se aparentaria mais com o

caso etíope: estruturas feudais, falta de homogeneidade social, cultural e râmica, ausência de desenvolvimento, baixíssimo nível educacional. Que esse silêncio não foi devido ao caso, prova-o o facto de o representante da Etiópia junto das organizações internacionais com sede em Genebra, Fantaye Bifu — que assumiu funções de informador oficial — ter declarado que a Igreja («extinta» na Albânia) continuará a exercer as suas actividades na Etiópia, ainda que «deixe de ter qualquer papel como importante proprietária de bens». Fantaye Bifu declarou também que o novo regime etíope é «pragmático e realista», mas que «deve contar

com o desmantelamento das bases estrangeiras instaladas no seu país», ou seja, a base americana de Asmara. O que, por um lado, será uma afirmação de neutralidade, mas, por outro será uma maneira de afirmar aos rebeldes da Eritreia que a possibilidade do (por eles sempre esperado) auxílio americano deixará de existir.

O grande problema da Etiópia é, na verdade, a consciência de que, ainda que os eritreus tenham o direito a disporem de si próprios, o povo etíope «não pode» prescindir da posse de uma saída para o mar. A luta do povo etíope contra o imperialismo italiano não teve por fim único a expul-

são dos invasores, mas também a recuperação dessa saída, ocupada por Roma com o objectivo expresso de asfixiar o velho império. Seria difícil voltar ao passado e o sangue dos executados prova que os homens que dominam agora a Etiópia não estão dispostos a aceitar soluções de compromisso.

Como será resolvido o problema é coisa que ainda não se sabe. Noutros países, com outra estruturas, talvez fosse possível conseguir o reconhecimento da independência da Eritreia, com a garantia da manutenção de uma comunicação directa e livre para o mar. Mas o porto principal — dir-se-ia o único — é o de Asmara, a capital eritreia. E em Addis Abeba ainda há quem se recorde dos dias em que idênticas concessões existiam no porto de Djibuti. São processos que, por norma, parecem ideias no pa-

pel, mas que, na prática, conduzem a uma multidão de atritos.

Por outro lado, qualquer tratamento especial para a Eritreia levantará a questão dos vínculos das províncias etíopes com o Governo Central. Não se deve esquecer que essas províncias eram governadas por «ras» (reis) largamente independentes do poder central, colocado nas mãos do «rei dos reis». Por isso os militares etíopes não julgaram e executaram (ou expulsaram simplesmente) o ex-soberano. E por isso o seu primeiro cuidado foi agora o de enviar os estudantes da capital para o interior, numa intensa campanha de promoção das populações rurais. Um dos objectivos, para além dessa promoção, será o estabelecimento de laços mais fortes entre as regiões afastadas e o Governo central. O outro, menos evidente mas não menos importante, é o de afastar dos cen-

tros de decisão e dispersar as massas estudantis, que são as que se têm revelado mais activas e radicais, no campo político.

O fortalecimento do Poder Central será também o motivo do aparecimento em público — pela primeira vez — dos majores Mengistu Haile-Mariam e Adnafa Abate, reconhecidos como os verdadeiros chefes da revolução, e vice-presidente do Conselho Militar, chefiado agora pelo general Teferi Benti. Seja como for, será de esperar que a Etiópia, ainda que seguindo na verdade a via socialista — indispensável, vistas as escandalosas diferenças de poderio e nível de vida entre as várias classes — venha a caracterizar-se e por um regime muito severo, profundamente nacionalista e altamente centralizado. Mais do que nunca, as hipóteses do reconhecimento da independência da Eritreia parecem afastadas: os graves embates registados em Asmara, entre tropas etíopes e guerrilheiros auxiliados por populares, logo depois do anúncio dos novos rumos da política de Adis Abeba, parecem confirmar isso mesmo.

(In V. M.)

PORTUGAL

"NÃO NOS SURPREENDEU VER A LISTA DOS INDIVÍDUOS QUE DESENCADAEARAM ESTA ACÇÃO"

— declarou o ministro da Comunicação Social, Comandante Correia Jesuíno numa Conferência de Imprensa

LISBOA, 12 — Na conferência de imprensa realizada no Ministério da Comunicação Social com a presença do Ministro desta pasta, comandante Correia Jesuíno, comandante Montez e capitão Clemente foram esclarecidos em mais detalhes alguns dos acontecimentos das últimas horas da vida política portuguesa. Após ter saudado a imprensa que em grande número ocupava a sala da conferência, o comandante Jesuíno afirmou: «Como é do conhecimento geral, o País conhecia uma atmosfera de convulsão e desespero já de há uns tempos para cá. Manobras essas que nos consideramos desde já como sendo manobra, reacções assim o ambiente social e económica deteriorava-se, havia toda uma multiplicação de greves, havia toda a uma manifestação de contestação da autoridade, mais ou menos generalizada e tudo isto com uma orquestração tal que nos levou realmente a supor, e os factos vieram dolorosamente a confirmar que se tratava de algo concertado».

Mais adiante comandante Jesuíno afirmou: «O País assistiu dolorosamente a incidentes tiveram lugar por volta das 11H30

da manhã. queria acentuar desde já que não se tratou de um golpe militar representativo ou sintomático de divisões que existam no seio do MFA e em que portanto um grupo muito significativo das Forças Armadas se opusessem ao MFA e ao programa em curso».

O golpe foi desencadeado por um grupo minoritário perfeitamente localizado. Os elementos estão identificados, a sua identidade já foi revelada e bastará uma breve análise da lista do elemento, implicados para verificarmos que eram pessoas que já tinham sido saneadas do seio das Forças Armadas. Muitos deles já antes do 25 de Abril eram conhecidos por prática de excesso de zelo que repugnava a própria deontologia militar.

Portanto não nos surpreendeu ver os nomes deles incluídos na lista dos indivíduos que desencadearam esta acção. A metodologia utilizada foi grosseira, mas com as suas subtilezas e assim foi possível convencer alguns elementos das Forças Armadas, de que iriam julgar qualquer tentativa reacção que estava a

alterar uma unidade de nossa inteira confiança, como é o caso do RAL 1».

E mais adiante: «A resposta que hecve ao nível das Forças Armadas e ao nível do povo contra esta tentativa reacção foi plena de êxito e nós portugueses legitimamente nos orgulhamos dela (...) ao nível do povo devo afirmar que a vigilância popular estava perfeitamente consubstanciada com o MFA. Por outro lado mostrou que sabia manter o seu civismo».

Referindo-se à reunião que ocupou toda a madrugada de hoje os homens do MFA, O Ministro da Comunicação Social afirmou: «Foi uma reunião que levou os militares do movimento, concretamente da Junta de Salvação Nacional, da Comissão Coordenadora e numerosos representantes do

MFA a reflectirem em comum. Ela teve o seu início por volta das seis da tarde, de ontem, primeiro a nível de cúpula (Junta de Salvação Nacional e Comissão Coordenadora) depois a nível mais alargado com a participação mais efectiva de oficiais, sargentos e pra-

ças. Tendo-se prolongado até às 9 da manhã de hoje. Este longo tempo de reflexão corresponde a toda uma longa aprendizagem democrática que nós estamos a fazer neste momento».

Referindo-se a algumas das conclusões dessa reunião o comandante Jesuíno passou a comentar essas decisões: Foi elaborado a uma lista dos implicados a prender, lista essa que já é do conhecimento público. Foi também elaborada a lista dos oficiais demitidos. Foi deliberado demitir os oficiais que fugiram para Espanha. A partir deste momento passaremos a dizer «Ex-General Spínola».

O Comandante Jesuíno referiu-se em seguida à criação da comissão de inquérito, afirmando que a Assembleia elegera um grupo de oficiais. Em número de seis, para proceder ao esclarecimento total dos acontecimentos, procurar antecedentes, quem planeou e quais os objectivos últimos da intenção. Essa comissão terá também a função de apurar as responsabilidades das pessoas implicadas.

Depois de se referir à ex-

tinção dos Conselhos de Armas onde houvesse pessoas comprometidas com a intenção o Ministro da Comunicação disse: «A institucionalização do MFA estava já planeada há muito. Tinham sido iniciadas conversações com os partidos políticos, com vista à criação de uma plataforma de actuação».

A Assembleia decidiu que não temos tempo a perder. O MFA vai desde já ser institucionalizado, o que corresponde à criação de dois organismos fundamentais. O conselho superior da revolução e assembleia do Movimento das Forças Armadas. O conselho superior da revolução absorverá a Junta de Salvação Nacional e conselho superior da revolução. Logo que esteja institucionalizado o conselho superior da revolução, a comissão coordenadora, automaticamente serão dissolvidas a Junta de Salvação Nacional e a comissão coordenadora. Esse novo organismo absorverá as funções do Conselho de Estado no domínio legislativo.

Do ponto de vista executivo o CSR terá a função de conduzir a revolução e executar o programa do MFA. Mais detalhes só poderão ser dados quando a lei for definitivamente concluída. Quanto à Assembleia do MFA, será uma réplica da actual Assembleia dos 200 mas que será necessariamente remodelada».

Foi decidido também intensificar a acção cívica do MFA o que se relaciona directamente com as campanhas de dinamização cultural, visto se ter chegado à conclusão que essas campanhas estavam a resultar muito benéficas.

Quanto aos plenos poderes dados ao Primeiro Ministro para proceder a uma remodelação governamental o comandante Jesuíno afir-

mou: foi também decidido que seria dado ao Primeiro Ministro todo o apoio para proceder a uma remodelação ministerial que permita ao Governo uma actuação mais firme, defendida dentro do programa do MFA. Como sabem o Primeiro Ministro é militar e ao nível desta Assembleia de militares foi dado inteiro apoio (Unânime) para que o Primeiro Ministro pudesse desde já fazer uma remodelação ministerial que entendesse conveniente por forma a que o executivo, que é fundamentalmente o Governo, tivesse realmente uma acção mais decisiva do que aquela que tem estado a ter».

Na fase das perguntas e respostas foram feitas várias perguntas que incidiram essencialmente sobre a institucionalização do MFA, remodelação ministerial e essencialmente sobre a intenção reacção.

Preferindo-se a especulação que tem vindo a ser feita a volta de declarações do Brigadeiro Otel Saraiva de Carvalho sobre o Embaixador Americano em Lisboa, o Ministro afirmou que nada havia actualmente contra ele, sendo assim o Sr. Carlucci considerado como uma persona grata a Portugal.

Uma pergunta sobre se, estas remodelações, iriam «Radicalizar» o plano económico, o comandante Jesuíno afirmou: Que só havia uma leitura possível do plano económico, ou seja uma leitura progressista, pelo que não havia motivo actualmente de mudar essa leitura.

Sobre as personalidades civis presas, o Ministro afirmou serem elas pessoas ligadas à alta finança, não podendo contudo ainda serem revelados os seus nomes.